

Um olhar sobre o Rio

Nuno Vasconcellos



Coluna publicada aos
DOMINGOS

umolharsobreorio@odia.com.br

odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/
um-olhar-sobre-o-rio

DEBATE FORA DE HORA

ARSÊNICO OU CIANURETO?

Ninguém é capaz de prever, hoje, em que ambiente serão disputadas as próximas eleições presidenciais e estaduais. Ninguém pode dizer, também, quem levará vantagem nas disputas. O mundo da política é dinâmico e o ritmo das mudanças costuma ser tão acelerado que surpreende até mesmo quem se julga um observador atento. Qualquer previsão eleitoral que se faça neste momento, portanto, é precipitada e se baseia num cenário que, com certeza, estará completamente diferente na hora da decisão de voto.

Um fato, porém, é inegável. O Rio de Janeiro e o Brasil não podem se deixar arrastar agora para um debate que beneficia apenas os que estão diretamente envolvidos nele. Há problemas mais graves e urgentes para serem enfrentados antes de se pensar em eleições. Se eles não forem enfrentados já, restará apenas uma opção para ser feita em 2022. E ela é justamente a que está sugerida no título deste artigo. A tragédia será inevitável. A única escolha será a do veneno que a consumará.

PENÚRIA FISCAL — Não se trata de fazer alarme diante de uma situação que, por si só, é grave o bastante para nos deixar preocupados. A pandemia da covid-19 continua expondo a população a riscos elevados e exigindo atenção prioritária por parte de todas as lideranças, em todos os níveis de governo. Qualquer debate com interesses eleitorais travado agora desviará o foco das atenções daquela que deveria ser prioridade de todos. É desnecessário insistir que nada é mais importante neste momento do que a necessidade de se conseguir mais imunizantes

e acelerar a campanha de vacinação. Esse é, até prova em contrário, o único caminho que levará ao controle da pandemia. E que permitirá, por sua vez, acelerar as providências indispensáveis para enfrentarmos os problemas que o Brasil e o Rio de Janeiro precisam começar a resolver antes de pensar em eleições. No caso do Rio, como já está claro para todos, os problemas são mais graves do que em outros pontos do país. Por aqui, tanto estado quanto o município vivem numa situação de penúria fiscal que exige atenção e não pode ser negligenciada em hipótese alguma. A queda da arrecadação tornou ainda mais evidente a falta de dinheiro num momento em que a exigência de gastos públicos é crescente e necessária. Esse problema, sozinho, já seria suficiente para merecer a atenção das lideranças. Infelizmente, ele não é o único.

A infraestrutura se deteriora ano após ano e, do jeito que está, não oferece as condições necessárias para a recuperação da Economia. É preciso, portanto, começar agora, e não daqui a dois anos, a enfrentar o problema de saneamento, do transporte público, do sistema viário e das encostas que ameaçam a população nas áreas de risco. Outra pro-



PAULO MÁRCIO

vidência urgente e sempre adiada é a do combate ao crime organizado — cada dia mais enraizado nas comunidades cariocas e fluminenses.

“CANAIS DESOBRUÍDOS” — O apelo por bom senso na definição das prioridades tem sido recorrente desde que esta coluna começou a ser publicada, há exatamente um ano. Nesse período, em diversos momentos, foi sugerido que os políticos abandonassem por alguns instantes suas ambições pessoais e se concentrassem no que realmente interessa: o combate à pandemia e a retomada da atividade econômica.

Esse apelo pode ser encontrado, por exemplo, no texto publicado aqui no dia 12 de abril do ano passado, quando havia pouco mais de 22 mil casos de covid-19 diagnosticados no Brasil e o número de mortes era pouco maior que 1.200. Àquela altura, algumas autoridades do governo federal insistiam em se referir ao corona como “o vírus chinês”. O título do artigo que abordou o tema falava por si: “Vírus não tem pátria e remédio não tem ideologia”.

Se a sugestão dada pela coluna àquela altura tivesse sido levada em conta, talvez o número de casos não tivesse chegado aos atuais 11,2 milhões e boa parte das mais de 270 mil vidas perdidas tivessem sido poupadas. Naquele momento, a China assumia o protagonismo na produção de equipamentos e de medicamentos de combate ao coronavírus. Transformá-la em inimiga era a pior decisão diplomática a ser tomada. “É preciso desobstruir os canais de comunicação de Brasília com Beijing e cuidar de mantê-los abertos”, sugeriu a coluna.

A advertência feita na ocasião continua válida. “Estamos diante de um inimigo que não marcou data para ir embora. No dia em que isso acontecer, poderemos assumir nossas diferenças e resolvê-las no ambiente mais adequado. Ou seja, nas urnas eleitorais. Agora não é hora para isso”. O ponto de vista permanece atual. Na terça-feira passada, a coluna Informe do Dia afirmou que a elite política do Rio não pode, sob nenhuma circunstância, se deixar seduzir agora por um debate que

pode ser feito mais adiante e que, neste momento, não interessa ao eleitor. É a mesma opinião de um ano atrás, expressa com palavras diferentes.

Isso mesmo. As lideranças precisam ter claro que, ao arregaçar a manga para ser imunizada contra essa doença terrível, a pessoa não se interessa pelo caminho percorrido pela vacina até ser injetada em seu braço. Para ela, é irrelevante saber se o medicamento está ali por ação do presidente Bolsona-

“Qualquer previsão eleitoral que se faça neste momento é precipitada”

ro, do governador de São Paulo, João Doria, ou por pressão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Quem tem a vida ameaçada por esse vírus letal, não dá a menor importância a esse tipo de discussão.

O que as pessoas querem, depois de receber a vacina, é saber quando seus parentes e seus amigos estarão protegidos. O que todos querem é saber quando a pandemia chegará ao fim, os negócios voltarão a funcionar normalmente e os empregos que desapareceram voltarão a ser oferecidos. Se essa curiosidade não for satisfeita já, todo o resto deixará de fazer sentido. Mesmo porque, muitos dos que hoje assistem estupefatos à antecipação de um debate eleitoral que pode ficar para depois, talvez nem estejam mais aqui para escolher seu candidato quando chegar a hora da campanha. É bom pensar nisso.

Siga os comentários de **Nuno Vasconcellos** no twitter e no instagram: **@nuno_vccls**

OPINIÃO

Gavetas da alma



Gabriel Chalita
escritor e professor

Foi no dia em que dormi pouco que percebi o tanto de guardado que tenho em mim. A noite grande prolongou os meus pensamentos se esquecendo dos meus cansaços.

Foi no dia em que os nossos olhos, depois de tempos, se cruzaram. Não fui eu quem fechou a porta. Não fui eu quem encontrou, em um outro, a disposição para prosseguir. Mas fui eu quem sofreu as ameaças, as acusações, a mentira.

Juntos, resolveram viver de tentar retirar de mim o que não tinham. Os mentirosos sempre caem no cadafalso da infeli-

dade. E os seus risos riem nada, apenas ensaiam um enfeite para disfarçar o que, de fato, são. Custou a mim entender no que ela se transformou.

Ela olhou e desviou. Disse nada. Talvez a vergonha tenha acelerado o seu passo. Devolveu ódio, depois de anos de amor. Namorávamos o dia, brincando de uma infância prolongada. Jurávamos eternidade. Espalhávamos pétalas de alívios quando os espinhos, tão comuns aos cotidianos, nos cortavam.

E, então, um falador de baixa estatura a convenceu a mentir. Homem pequeno em tudo, inclusive no caráter. Será que ela não percebeu ou será que eu não percebi que a imagem linda dela fui eu quem construí? Fazia tempo que não nos víamos. E não nos vimos, porque já não somos quem éramos.

Os pensamentos da noite gran-

de me fizeram abrir as gavetas da alma. São muitas. A primeira que abri me entristeceu. Uma descon-fiança na humanidade foi me convencendo de que amar é desperdi-

“Juntos, resolveram viver de tentar retirar de mim o que não tinham”

cio. Fiquei remexendo e limpando e vasculhando e a incompreensão me fez fechar. E abrir uma outra. Minha infância estava lá. Então, ri de tempos que, amontoados, faziam ver o que um dia fui antes do hoje. Da criança que pedia histórias e mais histórias para viajar.

Em outra, estavam trabalhos por onde passei, pessoas lindas que calejavam as mãos para plantar mundos bons.

Abri uma outra e encontrei o olhar doce do meu pai. Sua voz foi dizendo frases e, então, adormeci. Acordei abrindo outra gaveta, era o sorriso de minha mãe. Inteiro. Lindo como os dias de sol. E abri outras, já calmo de lembranças ruins.

A gaveta da sabedoria que comanda as gavetas da minha alma não pode ficar fechada. É ela quem guarda e me oferece as chaves corretas para abrir no tempo correto e, quando necessário, limpar o que deve, apenas, servir de recordação.

Decidi não odiar quem um dia amei. Abracei o resto que ficava da noite e, então, adormeci. A luz não perguntou se eu precisava de mais

tempo. Chegou trazendo o dia e explicando o tempo do levantar. Estava bem, cheio de forças para abrir a porta de mais um dia e carregar comigo a disposição amorosa dos encontros.

Gratidão viver o tempo dos encontros. A gaveta da sabedoria me empresta óculos de compreensão para agradecer por cada amigo que enfeita de vida a minha vida. Alguns estão há anos, outros vêm chegando e ficando. Vez em quando, nos estranhamos, imperfeitos que somos. A gaveta do perdão precisa ser grande; se não, a gaveta da felicidade, a primeira de todas, a razão pela qual nascemos, fica emperrada.

Saio de casa e vejo o dia inteiro me esperando. E caminho no mundo respirando a vida grande que há mim.

O DIA

DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888 **ASSINATURA E ATENDIMENTO AO LEITOR:** 2222-8600/2222-8650/2222-8651

PRESIDENTE
Alexandre Donizeti

EDITOR-CHEFE
Aloy Jupiara

SUBCURADORES
Max Leone, Ana Carla Gomes e Paulo Ricardo Moreira

EDITOR-ASSISTENTE DE ARTE
Alessandro Matheus

DESIGNERS
Amaro Prado, Amaro Prado Junior, Celso Reis, Marcela Musse e Thiago Ladeira

INFOGRAFISTAS
Francisco Silva e Paulo Márcio Esper

DEPARTAMENTOS:

Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br.
Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265.
Fax Diretoria: 2507-1038.

Parque Gráfico: 3891-6000, Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica. **Gerência Industrial:** 3891-6002.
Gerência de Circulação e Logística: 3891-6005.

Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irajá 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313.

Brasília: Tel: (61) 9920-91891.

Promoções: promocoes@odia.com.br
Classificados: Tel: 2532-5000 / WhatsApp: 98762-8279 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

Anúncios de Noticiário: 2222-8191 / 2222-8631 / 2222-8388.

Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388.

Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h.

Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.

Editora O DIA LTDA. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica - Rio de Janeiro - RJ.

O DIA é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).